

Índice

Reflexão	9
Nota prévia	11
Infância e adolescência	15
Lá no prédio onde eu nasci, existia uma varanda...	17
Rosinha	21
Leio e escrevo!	29
Bonequinhos de estampar	37
Adolescência	41
Crescendo	49
O começo da vida	53
Casamentos assim chamados...	55
A vida de professor — “o príncipe perfeito”	61
O gato, a gata, os gatos, as gatas	71
Pastas, borrachas, clipes e o cavalinho de bronze	75
O dia nacional da cultura científica	79
Rotinas e mau feito	81
Interrogando o passado	87
Lumbago, cólica renal, a colocação do <i>pacemaker</i> e a pneumonia	91
A homenagem nacional	97
“Pedra Filosofal”	99
O primeiro António	103
A morte de António Gedeão	115
O último ano como professor logo a seguir ao 25 de Abril de 1974	117
Caminhando...	121

Todas as palavras são cruzadas!	125
Curia	131
Nem praia, nem mar, nem os mares, nem as praias...	135
A ironia	139
Saudades da terra	143
É a lei da vida. Tudo tem um fim.	147
O ovo	149
Adeus	153
Homenagens prestadas a Rómulo de Carvalho ao longo do ano de 1996	157

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

*Era uma vez um menino
Que não era nada feio
O que tinha de extraordinário
Era um feitiço no meio*

Foram estes os primeiros versos que se conhecem do menino Rómulo Vasco da Gama Carvalho. Tinha cinco anos quando os escreveu. Nessa altura ainda estava longe, muito longe o nascimento do seu amigo António Gedeão. Desse ser imaginado, amigo tão verdadeiro que um dia nasceu e um dia, ainda novo, morreu. Rómulo deu-lhe a vida suficiente, amou-o, fê-lo crescer. E ele cresceu e rondou-lhe os passos mais secretos, a sua vida mais íntima; a seu lado conheceu o dia e conheceu a noite, sussurrou-lhe as mais belas palavras, invadiu-lhe o pensamento a ponto de fazer com que algo mais do que letras e palavras o acompanhassem de perto. Vigiou-o. Lembrou-lhe o que devia fazer e fez com que ele, Rómulo, se deixasse envolver por ele, António, a ponto de, nesses momentos, se esquecer de si. Mas, realmente, não era fácil esse esquecimento. Era um e era o outro, indissociáveis, unos. Até um dia. Até um certo dia em que um, o primeiro, declarou a morte do outro, do segundo.

Por isso, sem grandes explicações, sem sussurros e sem lágrimas, António desapareceu para nunca mais ser visto. Rómulo

continuou a caminhada. António espalhou a sua luz e diluiu-se em palavras e frases compostas que formaram dezenas e dezenas de poemas, hoje permanentes na possível eternidade dos livros, no conhecimento e na lembrança de muitas pessoas que ainda existem e que vão tendo a inteligência, a sabedoria e a sensibilidade de os saber passar às mais recentes gerações de ouvintes e de leitores.

Mas vamos falar de outros tempos, tempos de uma outra luz, a da infância, essa zona colorida que marca toda uma vida e da qual nos desfazemos à medida que o tempo vai passando, a ponto de um dia percebermos que a criança que fomos desapareceu para sempre e o que resta é apenas um sombreado nos entremeios da memória.

LÁ NO PRÉDIO ONDE EU NASCI, EXISTIA UMA VARANDA...

Na véspera do dia do nascimento de Rómulo, 24 de Novembro de 1906, um sábado, a lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa anunciou o número da sorte grande: tinha saído o mais improvável dentro de todas as probabilidades. O número 1.

Este número para Rosinha, sua mãe, anunciava qualquer coisa. Rosinha era alguém especial, como mais adiante revelarei.

E por sorte ou por destino, ou por graça ou desatino, no dia seguinte, aos sete meses de gestação, o inesperado nascimento lá nas alturas do quarto andar direito, do número 7 na Rua do Arco do Limoeiro — hoje Rua Augusto Rosa — foi festejado com muita alegria e alguma preocupação. Um nascimento prematuro que, naquele tempo, ou as crianças eram muito fortes e sobreviviam, ou morriam logo ali ou passados poucos dias. Rómulo sobreviveu até aos 90 anos.

Neste prédio onde nasceu está hoje fixada uma placa que recorda o seu nascimento. Diz assim: *Neste prédio nasceu, a 24 de Novembro de 1906, Rómulo Vasco da Gama Carvalho, professor e pedagogo, divulgador de ciência, investigador da História. Escreveu poesia, assinando António Gedeão.*

Algumas vezes, já depois de muitos e muitos anos passados, Rómulo quis visitar essa casa com tão boas recordações da sua infância mais remota. Ainda dois ou três anos antes de morrer, subiu

e desceu a rua, pelo passeio contrário. Possivelmente, no pensamento adivinhava-se-lhe uma qualquer proximidade de despedida, de um adeus definitivo. Quis passear por ali e desejou intensamente penetrar na escuridão do prédio, atravessar a porta da rua, subir todos os lanços de degraus até ao primeiro, ao segundo, ao terceiro andar. Aqui se deter por pouco tempo neste patamar, olhar para cima, para o quarto e último andar. Esse mesmo onde nasceu.

Assim fez. Atravessou a rua e entrou no prédio. Tinha imaginado que ao chegar lá acima, bateria suavemente com os nós dos dedos numa das almofadas da madeira da porta e esperaria pela resposta. O que iria dizer? “Boa tarde. Desculpe-me! É que nasci nesta casa, morei aqui até aos dez anos! Quis sentir, saborear, lembrar-me de uma outra vida que foi a minha... Dá-me licença que entre? Não me demorarei nada...”

Hesitou. À medida que ia subindo, a luz do dia espalhava-se com muito mais veemência por todo este ar, vinda duma enorme claraboia mesmo lá no alto, no tecto, na abóbada final da escadaria, galáxia imaginada e tão perto, tão perto e tão longe!

Dessa luz esbranquiçada restou a esperança de poder sentir e colorir um pouco melhor e com mais verdade estes anos finais, que se traduziam, afinal, em momentos próprios desta vastidão incompreensível do cosmos, entre o ser e o não ser.

Não passou do terceiro andar. Não teve a coragem necessária. Nem mesmo quando ouviu bater uma porta, mais acima, e percebeu alguém que descia até ele, e ele ali parado no tempo e no espaço. Uma velha figura inquieta vinda das profundezas, regressada dos contornos de todas as sombras que são produzidas ve-lozmente nos arcanos mais primitivos de cada um, uma velha figura terna e sentimental parada num certo patamar de um terceiro andar, afagando o corrimão, com a mão enervada a correr para cima e para baixo, vou, não vou, subo, não subo.

Não subiu. Nem apareceu ninguém. Nada se passou. De forma que deu por ele a descer a rua, calmamente, em direcção ao eléctrico que, esse sim, ainda continuava a avançar pelas ruas de Lisboa como antigamente, como quando ele era pequenino.

*

A sua mãe, Rosinha — Rosa das Dores Oliveira da Gama Carvalho —, algarvia natural de Faro, figura pequena e franzina, muito dedicada e extraordinária amante e devoradora das letras, tinha já duas filhas: Noémia Olga, com dez anos, e Graciette, com sete. Rómulo foi o último filho, a quem foi dado este nome pouco vulgar por lembrança e gosto de uma certa personagem num romance publicado em folhetins no jornal que se lia lá por casa. O seu pai, o seu enorme pai — era alto e muito gordo — também algarvio, natural de Tavira, José Avelino da Gama Carvalho, foi um funcionário dos correios e telégrafos. Mas, além dessa profissão, José, que tinha muito bela voz e sabia, realmente, música, foi músico-cantor da Sé Patriarcal de Lisboa, seguindo a vocação do seu pai, também músico e cantor, mestre de capela da Sé Catedral de Faro, professor e compositor de música sacra de grande mérito, Sebastião Jaime da Gama Carvalho, avô de Rómulo.

Também vivia nessa casa familiar a avó materna, que, igualmente, se chamava Rosa, como a filha.